



PESQUISA

BREASTFEEDING EXPERIENCED BY COLLEGE STUDENTS: CONTRIBUTIONS OF NURSING IN LIGHT OF THE PHENOMENOLOGY OF ALFRED SCHUTZ

AMAMENTAÇÃO VIVENCIADA POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS: CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM À LUZ DA FENOMENOLOGIA DE ALFRED SCHUTZ

LA LACTANCIA MATERNA EXPERIMENTADA POR LAS ESTUDIANTES UNIVERSITARIAS: LAS CONTRIBUCIONES DE LA ENFERMERÍA A LA LUZ DE LA FENOMENOLOGÍA DE ALFRED SCHUTZ

Karina Viana Ribeiro¹, Benedita Maria Rêgo Deusdará Rodrigues², Patrícia Lima Pereira Peres³

ABSTRACT

Objective: To capture the experiences lived by the student who breastfeeds during the undergraduate course. **Method:** This is a qualitative study focusing on the sociological phenomenology of Alfred Schutz, using the phenomenological interview. The subjects were undergraduate students who experienced or were experiencing pregnancy and / or breastfeeding during the graduation course at a public university in the state of Rio de Janeiro. **Results:** Appeared the following categories: 1. Breastfeeding imply difficulties in studying; 2. Breastfeeding requires resorting to strategies to continue studying and breastfeeding; 3. Breastfeeding needs support. **Conclusion:** Thus the study is relevant since it allows the understanding of the phenomenon of breastfeeding in daily routine of the student, and from this, discuss laws to protect this population. **Descriptors:** Breastfeeding, Qualitative research, Nursing.

RESUMO

Objetivo: Captar as experiências vivenciadas pela estudante com o aleitamento materno durante a realização do curso de graduação. **Método:** Trata-se de um estudo qualitativo com enfoque na Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz, utilizando-se a entrevista fenomenológica. Os sujeitos foram estudantes de graduação que vivenciaram ou vivenciavam a gestação e/ou amamentação durante o curso de graduação numa universidade pública no Estado do Rio de Janeiro. **Resultados:** Surgiram as seguintes categorias: 1. Amamentar implica dificuldades para estudar; 2. Amamentar requer lançar mão de estratégias para continuar estudando e amamentando; 3. Amamentar precisa de apoio. **Conclusão:** Assim, o estudo é relevante por possibilitar a compreensão acerca do fenômeno amamentar no cotidiano da estudante e, a partir dele, discutir leis de proteção a essa população. **Descritores:** Aleitamento materno, Pesquisa qualitativa, Enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: capturar las experiencias vividas por la estudiante con la lactancia materna durante el curso de pregrado. **Método:** Se trata de un estudio cualitativo, centrado en la fenomenología sociológica de Alfred Schutz, utilizando la entrevista fenomenológica. Los sujetos fueron estudiantes universitarias que han experimentado o estaban experimentando el embarazo y/o la lactancia materna durante el curso de pregrado en una universidad pública en el estado de Rio de Janeiro. **Resultados:** Aparecieron las siguientes categorías: 1. La lactancia materna implica dificultades para estudiar, 2. La lactancia materna requiere estrategias para continuar estudiando sin dejar de amamentar, 3. La lactancia materna necesita apoyo. **Conclusión:** Así, el estudio es importante porque permite la comprensión del fenómeno de la lactancia materna en el día a día de las estudiantes, y de ahí, discutir leyes para proteger a esta población. **Descriptor:** Lactancia maternal, Investigación cualitativa, Enfermería.

¹ Acadêmica do 9º período da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ex-bolsista PIBIC/UERJ (2008-2010). E-mail: karinavr22@oi.com.br. ² Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil (DEMI) da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora Procientista da FAPERJ/UERJ. Bolsista de Produtividade Nível 2 do CNPq. Doutora em Enfermagem. Email: benedeusdara@gmail.com. ³ Professora Assistente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil (DEMI) da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Enfermagem. Email: patricia.uerj@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A experiência docente-discente ao longo dos anos numa faculdade em que predomina acadêmicos do sexo feminino vem direcionando o olhar para uma questão importante no campo da saúde e dos direitos humanos e sociais, que é a *licença maternidade a estudante gestante*, prevista pela lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975¹.

Nos cursos de graduação, encontramos gestantes cuja gravidez, planejada ou não, passa a fazer parte do cotidiano de alguém que não pensa em abandonar o curso, porém não sabe o que fazer a partir dessa nova realidade, por desconhecimento da lei.

Nesse sentido, ressaltamos que a divulgação e o cumprimento da lei são de extrema importância, pois nos primeiros 42 dias pós-parto, que correspondem ao puerpério, ocorre estado de alteração emocional essencial, provisório, em que existe maior vulnerabilidade psíquica, tal como no bebê, e que, por certo grau de identificação, permite às mães ligarem-se intensamente ao recém-nascido, adaptando-se ao contato com ele e atendendo às suas necessidades, sendo fundamental a atenção à mulher e ao recém-nascido para a saúde de ambos². É também nesse período que se tem estabelecido o sucesso ou fracasso no aleitamento materno.

Segundo preconização da Organização Mundial de Saúde (OMS)³ o aleitamento materno precisa ser exclusivo até os seis meses e complementado até os dois anos ou mais. Ele protege a criança contra infecções dos tratos gastrointestinal e respiratório, diminui a mortalidade neonatal e infantil, fornece todos os nutrientes necessários nos primeiros meses de vida, ajuda no estabelecimento e fortalecimento do vínculo mãe-bebê. Para a mulher, diminui o sangramento pós-parto, portanto, menos anemia, retorno ao peso pré-gestacional mais

precocemente, diminui o risco de câncer de mama^{4,5}.

Sendo assim, na busca por compreender como se dá o fenômeno de amamentar para a estudante durante o curso de graduação, o estudo teve como objeto o *aleitamento materno na prática cotidiana da estudante de nível superior e o objetivo de captar as experiências vivenciadas pela estudante com o aleitamento materno durante a realização do curso de graduação*.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado em duas faculdades de formação de professores e uma faculdade de Enfermagem de uma Universidade pública no Estado do Rio de Janeiro, com início em agosto de 2008 e término em julho de 2010. A população-alvo foi constituída por estudantes de cursos de graduação e para inclusão no estudo deveriam ser gestantes e/ou nutrizas ou que já vivenciaram a gestação e/ou a amamentação durante o curso de graduação.

Realizamos uma oficina em das unidades como um método de nos aproximarmos do cenário e dos sujeitos do estudo e já nessa data agendamos algumas entrevistas e pegamos contatos de possíveis sujeitos na secretaria da unidade. Nas outras unidades, contatamos a secretaria e conseguimos os contatos das estudantes que haviam entrado em licença maternidade. Posteriormente, telefonamos e convidamos para a participação na pesquisa e para as que concordaram, agendamos a entrevista.

Essa pesquisa foi de abordagem qualitativa, com enfoque na Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz, por entendermos que a amamentação na perspectiva da estudante nutriz durante o curso de graduação deve ser enfocada como uma ação social, isto é, uma relação entre pessoas com projetos intencionais semelhantes em sua tipicidade.

Cabe esclarecer que... “a ação é entendida como uma conduta humana conscientemente projetada pelo ator envolvendo uma ordem voluntária e intencional”^{6:25}.

A investigação fenomenológica consiste na descrição do que é dado imediatamente na consciência como vivência, isto é, como presencialidade vivida. Assim, os conteúdos da consciência vivente e atual, isto é, o sentido enquanto sentido e o pensado enquanto puro pensado são os fenômenos, cuja *descrição exata constitui precisamente o objeto da Fenomenologia*⁷.

Schutz, para compreender a ação subjetiva, apóia-se no seu caráter motivacional, ou seja, *motivos por causa de ou motivos porque e motivos em vista de ou motivos para*:

Os motivos porque se vinculam ao passado, à situação em que o agente, por causa das suas experiências anteriores, do seu estoque de conhecimentos disponíveis, encontra a sua vida passada já sedimentada em seus gostos, inclinações, preferências, preconceitos etc., que irão determinar o seu projeto.

Já os motivos para se referem a algo que se pretende realizar, à finalidade a atingir, ao projeto a realizar, à vontade de fazer, ao fiat que desencadeia a ação⁸.

Para coleta de dados, foi utilizada a entrevista fenomenológica, que se dá sob a forma de existência situada no encontro, sendo este um fenômeno que se apresenta de maneira imprevista, ou seja, é um acontecimento com o qual me defronto e que vai exigir de mim um novo posicionamento⁹.

Através das descrições dos depoimentos, são obtidos os significados que as pessoas dão às coisas e à vida¹⁰. Essas significações que são compreendidas porque são vividas na existência humana concreta são consideradas a essência das coisas e têm valor universal, pois permite a outras

peças vivenciarem estas significações, desde que se posicionem em um mesmo lugar e tenham o mesmo ponto de vista do sujeito referido. Assim, a existência se mostra nos relacionamentos interpessoais^{11,12}.

Dessa forma, através de uma relação empática durante a entrevista fenomenológica, é possível compreender o sentimento do outro e o que se passa no outro, sem necessariamente viver aquilo que o outro está vivendo. Portanto, no estudo fenomenológico, há a intersubjetividade, que pode ser evidenciada quando há o encontro entre o sujeito que vivencia uma situação do pesquisador que a desconhece, através da empatia, diálogo, ampliação dos horizontes do pesquisador e da conseqüente fusão dos horizontes do pesquisado e pesquisador¹².

A intersubjetividade está voltada para as tipificações do mundo do sentido comum, nas dimensões do mundo social como mundo vivido face a face, na relação interpessoal, na percepção presente de um e de outro; ou na dimensão do mundo dos contemporâneos, com os quais não estou em relação direta e imediata de face a face, mas numa relação de vivência no tempo e espaço de nossa situação existencial, ou ainda como mundo dos meus predecessores, em sua forma temporal pretérita, ou mundo dos meus sucessores, em sua forma temporal futura ou por vir.

Assim, a interpretação subjetiva do sentido remete a uma tipificação do mundo da vida, à maneira concreta com que os homens interpretam a vida diária, a sua própria conduta e a dos demais¹³.

Durante essa trajetória, alguns procedimentos foram adotados, tais como os desenvolvidos por Tocantins¹⁴ e por Rodrigues⁶: obtenção das falas, para a descrição das ações vividas, expressas pelos sujeitos - estudantes de graduação; transcrição imediata das entrevistas,

por possibilitar de certa maneira que a subjetividade daquele momento da interação pesquisador - sujeitos do estudo se fizesse presente; leituras distintas, procurando captar aquilo que se mostra subjetivo e trazer para uma visão objetiva, a fim de possibilitar o agrupamento de aspectos afins dos significados da ação amamentar durante o curso de graduação; construção do significado expresso pelas estudantes que vivenciam e/ou vivenciaram a gestação e/ou amamentação durante o curso de graduação.

No momento da entrevista, foi utilizada a seguinte questão orientadora: *Como foi para você a experiência com a amamentação durante a graduação? - para aquelas que já amamentaram - ou Qual a sua expectativa com a amamentação do seu filho durante o curso de graduação? - para aquelas que estão no período de gestação ou de amamentação.*

Aspectos éticos

Antes de enviarmos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética, entramos em contato com a direção das unidades, cenários do estudo, e pedimos autorização para a realização da pesquisa, através de um memorando encaminhado pela direção de nossa unidade. Foi aceito e, então, encaminhamos ao Comitê de Ética em Pesquisa/SR-2/UERJ, que aprovou o estudo, com protocolo número 012.3.2009.

O estudo atendeu às exigências éticas em pesquisa com seres humanos, segundo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e assinado pelos sujeitos de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após a obtenção e transcrição das entrevistas, procedeu-se a leitura criteriosa das

falas das entrevistadas, procurando a apreensão do que há em comum entre elas, a fim de captar as experiências vivenciadas pela estudante com o aleitamento materno como um típico da ação de amamentar durante o curso de graduação.

A partir disso, surgiram as seguintes categorias:

1. Amamentar implica dificuldades para estudar

As mães estudantes têm que conciliar seus dois papéis e essa não é uma tarefa fácil. Exercendo sua função de mãe e ao amamentar, essas estudantes encontram algumas dificuldades para continuar o ritmo dos estudos, como dor por um intervalo grande sem amamentar durante o tempo que ficam na faculdade e, então, têm a necessidade de sair antes do término das aulas a fim de amamentar para acabar com aquele incômodo ou de faltar às aulas por estarem indispostas. Essas dificuldades são percebidas nas falas abaixo:

Foi um pouquinho só complicado porque tem amamentar, estudar... você tá estudando, aí dá a hora de dar de mamar, aí tem que parar, aí atrapalha um pouco. (Kelly)

E eu acabei repetindo porque entreguei somente um trabalho, realmente os textos eram difíceis, o que ela me propôs, pelo curto período de tempo, não ia dar o que ela me propôs. (Maria)

É, por conta da greve, eu não tive tantos problemas. (Ana)

No começo, é meio difícil... No meu caso foi hiper doloroso, eu não tinha bico de peito, então tinha que colocar bico de silicone, então, assim, era uma coisa que demandava tempo porque eu tinha que esterilizar o bico de silicone, tinha que fazer várias coisas. (Célia)

Então, assim, vai ser difícil porque eu não vou ter como retirar, meu leite não sai com bomba [...] Por ela mamar de hora em hora, eu sei que eu tenho muito leite e aí eu vou ficar incomodada por ficar com bastante leite e vou ficar preocupada porque eu não vou poder estar amamentando ela.; ...amamentar acaba se tornando um empecilho pra faculdade e a faculdade um empecilho pra amamentar, você fica naquela faca de dois gomos, você

não sabe o que você faz, mas você tem que fazer a faculdade... (Clara)

... a amamentação foi um pouquinho difícil, vamos dizer assim, porque eu tava no internato, então eu saía do posto de saúde e ia direto pra casa... eu tinha que chegar no horário pra ela não ficar com tanta fome, né? E aí, a mama enchia, ficava aquela dor. (Rubi)

Amamentação durante a graduação foi um pouco difícil porque eu tava estudando, eu tinha que tirar o leite de manhã... eu tirava, eu chegava em casa minha mama tava muito cheia, aí eu tirava, na faculdade eu não consegui fazer isso... era cansativo, estressante. (Amanda)

2. Amamentar requer lançar mão de estratégias para continuar estudando e amamentando

As estudantes têm a vontade de amamentar o seu filho. Sendo assim, para superar as dificuldades de conciliar estudo e amamentação, recorrem a algumas estratégias. Algumas levam o filho à faculdade para amamentar e também por não ter quem fique com a criança. Outras utilizam a ordenha e deixam o leite em casa com a pessoa que cuida da criança para assegurar a amamentação de seu filho. Há também a opção pela diminuição de matérias como uma forma de equilibrar e dar conta desses dois papéis.

Aí, trago ele; amamento de dia, aí volto pra casa. (Kelly)

... eu diminuí o número de matérias, passei a fazer somente três matérias pra ter mais tempo pra ficar com o neném, né? E algumas, vezes, eu até trouxe ele pra faculdade. (Maria)

Quando eu vinha pra faculdade, ele vinha comigo e quando eu tinha que ficar mais tempo na faculdade, ele ficava com a minha mãe... Eu tirava o leite, deixava em casa pra ele poder tomar. (Ana)

Até os seis meses foi exclusivamente o peito e aí eu tinha que deixar, né? Chagava em casa, ia tirando com a bomba, colocava em potes esterilizados e guardava. (Célia)

Aí eu cheguei para a coordenadora do internato, conversei com ela, ela tinha visto uma escala pra não interferir na questão da amamentação. Comecei a fazer saúde pública, sair mais cedo; Uma das

coisas que eu fazia era a retirada do leite, eu tentava tirar com a bomba a vácuo, mas doía muito, então a ordenha manual foi mais prática pra mim. (Rubi)

... eu tinha que tirar o leite de manhã, eu deixava na geladeira, aí mandava pra creche e eles davam pra mim na mamadeira, entendeu? (Amanda)

3. Amamentar precisa de apoio

As estudantes durante a gravidez e mesmo após o nascimento de seu filho puderam contar com uma rede de apoio, seja mãe, pai, sogra, marido, colegas de faculdade ou professoras ou mesmo uma combinação desses. Essas pessoas deram suporte às estudantes e ficaram com a criança para que elas pudessem ir à faculdade.

Contei com o meu marido, com minha sogra e minha mãe. (Kelly)

Graças a Deus, eu tive o apoio da minha mãe... logo de início, assim, quando eu tive o neném, minha mãe ficou de férias, né?"; "Tinha algumas meninas que, às vezes, me ajudavam, ficavam com ele no colo. (Maria)

Quando eu tinha que ficar mais tempo na faculdade, ele ficava com minha mãe. (Ana)

... tive um apoio muito grande de minha mãe, minha mãe sempre me incentivou, meu pai também. (Célia)

Pude contar com minha mãe e meu pai. Conto até hoje. (Clara)

... eu tive muito apoio da minha família, né? Principalmente da minha mãe, do meu pai [...] tive apoio da minha tia, que ia sempre lá em casa. [...] Mas eu sempre tive apoio dos meus professores e colegas também. (Rubi)

... eu recebi apoio da nutrição, apoio da fonoaudióloga [...] Meu marido me ajudou bastante, tive minha sogra, entendeu? (Amanda)

O cotidiano das estudantes que amamentam durante o curso de graduação é permeado por dificuldades: na intenção de continuar amamentando, acabam prejudicando seus estudos, pois algumas vezes ficam indispostas, faltando às aulas ou saindo mais cedo, pela dor que sentem por ficar muito tempo sem

amamentar durante o horário das aulas. Quando o incômodo aparece, sentem uma vontade desesperadora de ir para casa e amamentar logo o seu filho para acabar com aquele sofrimento. Às vezes, mesmo em casa, têm que interromper os estudos para cuidar do filho e amamentá-lo ou para realizar outra tarefa. Algumas referem esse período de amamentar como muito complicado e para uma estudante, foi traumático.

A realidade dessas estudantes nos mostra o desconhecimento de um direito, preconizado pela lei n.º 6.202 de 17 de abril de 1975¹, que não é cumprida tal como deveria. Uma outra questão a ser comentada é que embora as estudantes consigam a licença-maternidade, elas ainda encontram alguns entraves, como ter que comparecer à instituição para a realização de provas ou elaborar inúmeros trabalhos, difíceis de serem cumpridos no tempo que elas dispõem.

Entretanto, a lei citada acima assegura a prestação de exames finais e o regime de exercícios domiciliares, portanto a estudante não precisa ir à faculdade para realizar avaliações.

Alguns relatos nos mostram o desconhecimento e o descumprimento da lei:

... teve conselho de classe, tiveram duas professoras que me ajudavam contra um monte que tava falando que eu tinha que repetir de ano ..., que elas não podiam dar essa facilidade pra alguém que teve a opção, no caso, de engravidar adolescente das outras que tiveram esforço de fazer tudo certinho. [...] eu peguei uma licença, assim que saí do parto normal. [...] Eles falaram lá no hospital que essa licença não era pra estudante, que pra estudante não tinha, que eu não podia pegar, que era só pra trabalho, mas o médico me deu mesmo assim. (Princesa Dayana)

... aí faço tudo em casa e mando pra eles por email, eles aceitam, tem alguns professores que não aceitam, mas o curso que eu peguei, o período, eles aceitaram numa boa, mas têm outras colegas minhas que disseram que os professores não aceitaram, marcava dia de prova... aí vinha aqui fazer. (Kelly)

Então, infelizmente, assim, há um despreparo também no departamento:

ah, fala com o professor. Aí o professor chegou e começou a perguntar quem era a aluna que não comparecia mais às aulas, mas aí falaram: "ah, ela tá de licença-maternidade. Mas como, se ninguém me comunicou? Diz a ela pra comparecer aqui." Aí depois de menos de duas semanas do meu filho ter nascido, veio eu com minha mãe segurando o neném aqui, eu andando devarinho, pra dar uma justificativa... (Maria)

... depois que meu filho nasceu, era, assim, só minha mãe mesmo porque eu fiquei de licença durante três meses. Nesse período, eu tinha que fazer trabalho. Quando eu vinha pra faculdade, era só pra fazer uma prova ou outra. (Célia)

... tem professor que entende, mas tem professor que não entende. Tem professor que dificulta. Uma professora que queria contestar a licença, ela não quis deixar eu entregar o trabalho por email. Ela queria que eu fosse até a faculdade entregar o trabalho, apresentar o trabalho, e assim, ia me tirar uma tarde inteira e eu não tinha com quem deixar minha filha. [...] E por eu estar de licença, ela me mandou quinhentos trabalhos, ela me mandou resenha de vários textos, me mandou fazer dissertação, montar prova... (Clara)

Faleiros, Trezza e Carandina¹⁵ observaram que a maioria das mães desconhecia seus direitos trabalhistas ou conhecia muito pouco sobre o assunto. O mesmo, pois, ocorre com as estudantes desse estudo.

Já Silva apud Faleiros, Trezza e Carandina¹⁵ verificou em seu estudo com estudantes e trabalhadoras que a falta de apoio nas instituições e de condições ambientais para a ordenha do leite, bem como a falta de berçários, permitindo a proximidade mãe-criança, foram as principais dificuldades apontadas pelas mães em relação à manutenção da amamentação.

Ramos e Almeida¹⁶ revelaram em seu estudo que as mulheres demonstraram uma grande dificuldade em conciliar as múltiplas atribuições, o que transformou, inclusive, em motivo de angústia e preocupação, sentimentos esses que impactam negativamente na fisiologia da lactação. Esses sentimentos foram percebidos também nessa pesquisa.

Essas estudantes, pelo desejo de amamentar e de continuar os estudos, de ter uma profissão, que é um sonho de muitas, recorrem a estratégias. Tentam de suas formas conciliar essas duas tarefas, levando o filho à faculdade para ficar mais tempo com ele e também amamentá-lo, realizando a técnica da ordenha para que a criança não seja desmamada precocemente e uma outra estratégia apontada foi a de diminuir o número de disciplinas para reduzir o tempo como estudante e dedicar esse tempo em ser mãe, em cuidar da criança e, sobretudo, continuar amamentando.

Silva¹⁷, em sua pesquisa sobre vivência de amamentar para trabalhadoras e estudantes de uma universidade pública, percebeu que as mães realizavam a ordenha quando as condições do ambiente de trabalho, doméstico ou de suporte social propiciavam que a criança recebesse o leite ordenhado de sua mãe e que ela necessitava de um conjunto de esforços, seja no ambiente doméstico, de trabalho ou de estudo, que a auxiliasse a adotar a prática da ordenha.

Há de se destacar que essas estudantes tiveram apoio durante o período de gestação e até após o nascimento de seu filho, durante a amamentação: mãe, pai, tia, marido, sogra, colegas de faculdade ou professoras, ao menos uma pessoa deu apoio a essas estudantes e algumas conseguiram o apoio de mais pessoas. A figura da mãe é bem presente, mostrando que em todos os momentos a mãe está por perto, ajudando e orientando. Muitas das vezes, é a mãe que cuida da criança quando o período de licença termina. Principalmente nesse período de mudanças e descobertas, necessita-se de um suporte, tanto emocional, pois a estudante passa por um momento de alteração hormonal durante a gravidez, ficando mais sensível, e está numa fase de adaptação para ser mãe, quanto na parte de

cuidar do bebê, o que, sem dúvida, favoreceu a sua permanência na faculdade.

O fato de as mães terem uma união estável e o apoio de outras pessoas, especialmente do marido ou companheiro parece exercer uma influência positiva na duração do aleitamento materno. Tanto o apoio social e econômico, como o emocional e o educacional parecem ser muito importantes¹⁵.

Araújo apud Ramos e Almeida¹⁶ refere que as opiniões e interferências externas contribuem para o sucesso ou não da amamentação e que as mulheres que amamentavam por um maior período de tempo ou que tivessem experiência positiva consideraram a participação da mãe e do marido importante no processo. Damião¹⁸ concorda que o suporte da comunidade e da família à mulher que amamenta é essencial para o sucesso da amamentação e acrescenta que o entendimento dos fatores associados ao aleitamento materno e a identificação dos grupos de maior vulnerabilidade para esta prática são importantes para maior efetividade das ações e para a qualificação do atendimento prestado à mulher e à criança.

Para Frota *et al*¹⁹, a vivência das mulheres revela que o ato de amamentar é um processo complexo que demanda aprendizado e apoio por parte de seus componentes familiares, de profissionais, instituições de saúde e do Estado.

O aleitamento materno é continuado após a volta às aulas e é também valorizado porque essas estudantes compreendem a importância desse ato para a saúde do seu filho e para a formação de vínculo entre eles. Em uma pesquisa sobre representações sociais de mulheres que amamentam²⁰, um dos resultados aponta que as mães sabiam da importância da amamentação, semelhantemente aos achados dessa pesquisa.

Faleiros, Trezza e Carandina¹⁵ afirmam que

nas regiões brasileiras mais desenvolvidas, o padrão de aleitamento é semelhante ao dos países desenvolvidos, ou seja, mães com maior grau de instrução tendem a amamentar por mais tempo, talvez pela possibilidade de um maior acesso a informações sobre as vantagens do aleitamento materno, confirmando os achados dessa pesquisa.

Damião¹⁸ também observou que as mães com maior escolaridade tiveram maiores frequências de aleitamento materno exclusivo em crianças de até quatro meses, e Caminha *et al*²¹, em seu estudo sobre tendências temporais e fatores associados à duração do aleitamento materno em Pernambuco, relataram que a maior escolaridade materna foi um fator de proteção ao aleitamento materno exclusivo.

A compreensão da importância do aleitamento materno pode ser percebida nos seguintes relatos:

O aleitamento materno é algo mais importante para o bebê... Eu acho muito importante pra mãe ter essa experiência de amamentar o seu filho, que é um processo também de conviver mais com ele, passar um pouco da sua intimidade para ele, acho que o bebê, ele sente todo esse carinho, que é especial... e ele transmite muito na hora da amamentação pra gente. (Princesa Dayana)

A criança até os seis meses, eu acho só necessário o leite para crescer saudável, né. (Kelly)

O peito pra ele foi essencial, ele se desenvolveu muito bem. (Ana)

Você cria um vínculo muito forte e isso é muito importante. [...] nada se compara. (Célia)

Acho que a importância é o laço que você cria, um vínculo com a criança, né"; [...] eu tenho medo de ela começar a mamadeira e não querer mais mamar. E não é o que eu desejo pelo menos agora. Eu queria ficar até pelo menos os seis meses. (Clara)

... quando falam aleitamento materno pra mim, a primeira coisa que vem na minha cabeça é o vínculo, estabelecer vínculo com o bebê. (Rubi)

O aleitamento materno, pra mim, é tanto

importante pra mãe quanto pro bebê porque ele oferece vantagens pra mãe [...], pro bebê, ele tem vários nutrientes que o bebê precisa [...] Tem relatos que ela não desenvolve câncer devido à amamentação, ela emagrece mais rápido... (Amanda)

Em uma pesquisa sobre práticas culturais sobre aleitamento materno realizada por Frota *et al*¹⁹, as mães também manifestaram saber da importância do aleitamento materno para a criança, indicando nos relatos o reconhecimento do valor do leite materno como alimento que previne doenças na infância e fase adulta.

Uma outra questão percebida nesse estudo é que essas mães, além das dificuldades encontradas, ficam preocupadas com a alimentação do filho no período que estão fora de casa, o que também acaba, de uma certa forma, atrapalhando sua concentração na faculdade. Almeida apud Marques, Cotta e Araújo²⁰ refere que a saciedade da criança é uma das principais preocupações maternas nos primeiros dias de vida do bebê, podendo estender-se por longos períodos, dependendo da autoconfiança materna frente a sua capacidade de amamentar seu próprio filho. Nos relatos abaixo, percebem-se essa preocupação:

Então, por mais que eu teja na faculdade, eu acho que a minha cabeça vai ta: será que ela quer mamar? [...] será que ela ta sentindo falta? (Clara)

E era, assim, tava no estágio com o pensamento nela, né? Sempre ligava pra saber como ela tava, sempre tava preocupada se ela tava com fome, entendeu? (Rubi)

Portanto, pode-se dizer que amamentar implica o envolvimento de diversas razões e intencionalidades, não dependendo apenas de conhecimentos sobre benefícios e manejo do aleitamento materno ou de uma decisão prévia²² e que o cotidiano dessas estudantes é composto por obstáculos e por muitos sentimentos, tanto positivos quanto negativos. As estudantes sentem-

se felizes por poderem amamentar seus filhos, mas, ao mesmo tempo, convivem com o sofrimento e dor, pois ficam muito sobrecarregadas com tantas funções. Algumas ainda trabalham, tendo pouco tempo para ficar com seu filho e descansar. Assim, é um momento único e delicado, que merece atenção, pois envolve muitos aspectos subjetivos, que devem ser mais bem compreendidos e atendidos pelos profissionais de educação e saúde, que lidam a todo tempo com situações como esta.

Dessa forma, torna-se cada vez mais necessário que o profissional tenha uma postura realista, levando em consideração a totalidade dos condicionantes envolvidos com o ato de amamentar, indo ao encontro da mulher sem se deixar determinar pelas suas idéias ou preconceitos em relação à amamentação, estando disposto a compreender qual é o contexto em que ela se insere²².

CONCLUSÃO

O estudo nos possibilitou captar as experiências vivenciadas pela estudante com aleitamento materno. Apreende-se que a maioria delas tem dificuldades em conciliar a amamentação com o estudo, pois, algumas vezes, ficam indispostas, faltando às aulas ou saindo mais cedo, pela dor que sentem por ficar muito tempo sem amamentar durante o período que estão na faculdade, ou mesmo por ter que realizar outra tarefa em casa.

Dessa forma, utilizam estratégias como faltar às aulas para ficar mais tempo com o filho e amamentá-lo, ou levá-lo à faculdade, o que representa risco para a saúde e integridade da criança, pois os seus primeiros meses de vida requerem cuidados próprios, além de um ambiente tranquilo que permita o estabelecimento de vínculo com sua mãe. Sem dúvida, o ambiente da universidade não é o mais

indicado. Recorrem também à ordenha para garantir a amamentação do filho enquanto elas estão na faculdade e/ou no trabalho.

Percebe-se também que essas estudantes tiveram uma rede de apoio, que, muitas vezes, cuidou da criança enquanto ela estava na faculdade, o que favoreceu a continuação de seus estudos. Ressaltamos que não só o apoio familiar como também o da instituição de saúde e de ensino são muito importantes nesse processo.

Quanto aos mecanismos de proteção a essas estudantes, observa-se que ainda há entraves para a execução da lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975, tal como está na lei, o que cria mais dificuldades para essas estudantes. É necessária uma maior divulgação e discussão desta lei, visto que é desconhecida pela maioria dos alunos. Estes, se não souberem, não terão como reivindicar seus direitos. Nesse sentido, o cumprimento da lei da estudante gestante é fundamental tanto para o sucesso da amamentação e, portanto, para a saúde da criança, quanto para a estudante, que poderá concluir os estudos, sem prejuízos e amparada legalmente.

É importante que a instituição de ensino se organize e que seus dirigentes entendam que a licença trata-se de um direito da estudante e que cabe a eles propiciar meios para que ela se efetive e não deixar a cargo do professor a decisão da conduta do caso.

Assim, o estudo é relevante por possibilitar a compreensão acerca do fenômeno *amamentar no cotidiano da estudante* e, a partir dele, discutir outras leis de proteção a essa população. Além disso, este estudo poderá levar os profissionais a refletirem sobre esse momento peculiar na vida dessas estudantes. No caso de profissionais da saúde, estes poderão redirecionar sua prática, visando não somente a gravidez ou aleitamento materno em si, como acontece rotineiramente,

mas sim o contexto em que se inserem as estudantes que vivenciam esse fenômeno, buscando sempre atendê-la em sua integralidade, ou seja, atendendo suas necessidades bio-psico-sociais e dando o suporte necessário de acordo com cada caso.

Os profissionais da área de educação, além de compreenderem esse momento, devem entender que a licença-maternidade é um direito da estudante, um tempo para o estabelecimento dos primeiros cuidados e do vínculo afetivo mãe-bebê e que, portanto, deve-se elaborar um plano de estudos passível de ser cumprido e não tentar penalizá-la com inúmeros trabalhos.

Acreditamos que mais estudos que abordem a amamentação e a licença-maternidade na perspectiva da estudante devam ser realizados, incluindo não só as universitárias, mas também as estudantes de níveis fundamental e médio, nos quais existem também mulheres em idade reprodutiva e que, portanto, tem chance de engravidar.

REFERÊNCIAS

1. Lei 6202/75, de 17 de abril de 1975. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília (DF) 1975.
2. Ministério da Saúde (Brasil). Manual Técnico Pré-Natal e Puerpério. Atenção Qualificada e Humanizada. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 162p.
3. Organização Mundial de Saúde (OMS). Evidências científicas dos dez passos para o sucesso no aleitamento materno. Brasília: OMS, 2001.
4. Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Ações de Saúde Materno-infantil a Nível Local segundo as metas da Cúpula Mundial em Favor da Infância. Washington D.C.: OPAS, 1997.
5. Toma TS, Rea MF. Benefícios da amamentação para a saúde da mulher e da criança: um ensaio sobre as evidências. Cad. Saúde Pública [on line] 2010 Jan; [citado em 07 jan 2010]; 24 (2): 235-46. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008001400009&lng=pt&nrm=iso
6. Rodrigues BMRD. O Cuidar de Crianças em Creche Comunitária: contribuição da sociologia fenomenológica de Alfred Schutz. Londrina (PR): UEL; 1998.
7. Capalbo C. Metodologia das Ciências Sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz. Rio de Janeiro (RJ): Antares; 1979.
8. Capalbo C. Fenomenologia e Ciências Humanas. Londrina (PR): UEL; 1996.
9. Carvalho AS. Metodologia da Entrevista: uma abordagem fenomenológica. 2ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Agir; 1991.
10. Simões SMF, Souza IEO. Um caminhar na aproximação da entrevista fenomenológica. Rev. Latino-Americana de Enfermagem 1997 jul; 5 (3): 13-7.
11. Capalbo, C. Considerações sobre o método fenomenológico e a Enfermagem. Rev. Enfermagem UERJ 1994 out; 2(2): 192-7.
12. Araújo BBM. Vivenciando a internação do filho prematuro na UTIN: (re)conhecendo as perspectivas maternas diante das demandas neonatais [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2007.
13. Rodrigues BMRD, Barbosa ECV. O típico da ação de Enfermagem ao Cuidar da Criança: uma abordagem metodológica possível. Rev. Enfermagem UERJ 2003 set-dez; 11 (3): 348-52.
14. Tocantins FR. As necessidades na relação

- cliente-enfermeiro em uma Unidade básica de saúde: uma abordagem na perspectiva de Alfred Schutz. [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1993.
15. Faleiros FTV, Trezza EMC, Carandina L. Aleitamento materno: fatores de influência na sua decisão e duração. Rev. Nutr. [on line] 2006 Out; [citado em 24 Jul 2009]; 19 (5): 623-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732006000500010&lng=en&nrm=iso
16. Ramos CV, Almeida JAG. Alegações maternas para o desmame: estudo qualitativo. J. Pediatr. (Rio J.) [on line] 2003 Out; [citado em 24 Jul 2009]; 79 (5): 385-90. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572003000500004&lng=en&nrm=iso
17. Silva IA. A vivência de amamentar para trabalhadoras e estudantes de uma universidade pública. Rev. bras. enferm. [on line] 2005 Dez; [citado em 11 Fev 2009]; 58 (6): 641-6. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000600003&lng=en&nrm=iso
18. Damião JJ. Influência da escolaridade e do trabalho maternos no aleitamento materno exclusivo. Rev. bras. epidemiol. [on line] 2008 Set; [citado em 24 Jul 2009]; 11 (3): 442-52. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2008000300011&lng=en&nrm=iso
19. Frota MA et al. Práticas culturais sobre aleitamento materno entre famílias cadastradas em um Programa de Saúde da Família. Rev. Esc. Enferm. USP [on line] 2009 Dez; [citado em 09 Jul 2010]; 43 (4): 895-901. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000400022&lng=en&nrm=iso
20. Marques ES, Cotta RMM, Araujo RMA. Representações sociais de mulheres que amamentam sobre a amamentação e o uso de chupeta. Rev. bras. enferm. [on line] 2009 Ago; [citado em 15 Jan 2010]; 62 (4): 562-9. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000400012&lng=en&nrm=iso
21. Caminha MFC et al. Tendências temporais e fatores associados à duração do aleitamento materno em Pernambuco. Rev. Saúde Pública [on line] 2010 Abr; [citado em 09 Jul 2010]; 44 (2): 240-8. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000200003&lng=en&nrm=iso
22. Souza MHN, Souza IEO, Tocantins FR. Abordagem da fenomenologia sociológica na investigação da mulher que amamenta. Rev. Enferm. UERJ [on line] 2009 jan/mar; [citado em 06 jun 2009]; 17 (1): 52-6. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v17n1/v17n1a10.pdf>.

Recebido em: 18/04/2011

Aprovado em: 12/09/2011